

FONTE : C.B

CLASS. : 66

DATA : 12 10 89

PG. : 20

Embrapa assina contrato de pesquisa em seringais

"É impossível realizar qualquer trabalho de preservação da Região Amazônica sem conhecê-la", afirmou ontem o presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Carlos Magno da Rocha, ao assinar o contrato de prestação de serviços com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para execução de pesquisa com seringueira. Ainda que a Embrapa já tenha elaborado o mapa agroecológico do País, não se tem conhecimento de que áreas, na Amazônia, podem ser exploradas ou devem ser mantidas "intactas". A maior dificuldade é financeira e mesmo os recursos ora repassados pelo Ibama — cerca de R\$ 1 milhão e 50 mil — não são suficientes "para começar" ou dar continuidade aos 96 projetos de pesquisa com seringais de cultivo que desenvolve.

Desde sua criação, a Embrapa mantém um centro nacional de pesquisa com seringueira e dende em Manaus. Agora, o centro aborveu uma outra unidade de pesquisa anteriormente voltada para outras culturas na região e foi transformado no Centro de Pesquisa Agro-Florestal da Amazônia (CTAA). A orientação é preservar os seringais nativos e estimular o cultivo. "Seringueiro é mais efetivo que índio e soldado", disse o engenheiro florestal Rogério Magalhães, do Ibama,

lembrando que, por não deterem títulos de propriedade da terra em que trabalham, sofrem pressão de grandes empresas, inclusive multinacionais.

ALARDE

Angustiado com a situação financeira da Embrapa, Carlos Magno disse que existe, no mundo, 10 pesquisadores científicos para cada 10 mil habitantes. No Brasil, esse número reduz-se a 3,6 pesquisadores e, na Região Amazônica, não chega "a meio". Ele considera que o alarde feito em torno da preservação da região "faz parte" mas o fundamental é o conhecimento. A empresa perdeu, em menos de dois anos, mais de 300 profissionais para a iniciativa privada por conta dos baixos salários. Lembra que a previsão para o ano 2000 é de que a população brasileira chegará a 170 milhões de pessoas, sendo que apenas 15 por cento estarão no campo para produzir alimentos e não há qualquer perspectiva de se direcionar mais recursos para o setor. "Você pode observar que nenhum candidato à Presidência da República se aprofunda no assunto", garantiu o pesquisador.

Defendeu, também, que os países desenvolvidos que, em coro, exigem a preservação da Região Amazônica, "têm obrigação" de repassar recursos para o Brasil mesmo porque são os principais responsáveis pelo alto índice de poluição atmosférica.